



THUANY SILVA MARTINS

**BLACK(OUT): VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER NEGRA
NOS CONTOS DE EVARISTO E ADICHIE**

LAVRAS-MG 2019

THUANY SILVA MARTINS

**BLACK(OUT): VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER NEGRA
NOS CONTOS DE EVARISTO E ADICHIE**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Universidade Federal de Lavras, como parte das
exigências do Curso de Letras, para a obtenção do
título de Licenciado.

Prof(a). Dr(a). Isabel Cristina Rodrigues Ferreira Orientadora

LAVRAS-MG 2019

RESUMO

Este trabalho objetiva abordar as opressões interseccionadas que acometem as personagens negras em quatro contos afro-femininos, sendo dois deles escrito por uma mulher afro-brasileira e outros dois de autoria nigeriana, com o intuito de analisar as vivências e violências que as protagonistas sofreram e a maneira que a questão de raça e gênero estão intimamente atreladas à essas práticas que impactam na vida dessas mulheres. Dessa forma, foram selecionados para compor o *corpus* dessa análise os contos: “Maria” e “Quantos filhos Natalina teve?” presentes no livro *Olhos d’água* (2016) de Conceição Evaristo; os contos “No seu pescoço” e “A embaixada americana” da escritora Chimamanda Ngozi Adichie publicado no livro *No seu pescoço* (2009). Para auxiliar o desenvolvimento dessa análise serão utilizadas como principais referências os estudos sobre subalternidade e opressão de Grada Kilomba (2019), Ângela Davis (2016), Gayatri Chakravorty Spivak (2010) e Patricia Hill Collins (2000).

PALAVRAS-CHAVE: Literatura Afrofeminina, Pós-colonialismo, Opressões Interseccionadas.

ABSTRACT

This paper aims to address the intersected oppressions that affect black characters in four Afro- female tales, two of them written by an Afro-Brazilian woman and two of Nigerian authorship, in order to analyze the experiences and violence that the protagonists suffered and the way race and gender issues are closely tied to these practices that impact on these women's lives. Thus, the tales “Maria” and “Quantos filhos Natalina tem?” present in the book *Olhos d’água* (2016) by Conceição Evaristo; the tales “The Thing Around Your Neck” and “The American Embassy” by writer Chimamanda Ngozi Adichie published in the book *The Thing Around Your Neck* (2009) were selected to compose the *corpus* of this analysis. Grada Kilomba (2019), Ângela Davis (2016), Gayatri Chakravorty Spivak (2010) and Patricia Hill Collins (2000) will be used to support the development of this analysis.

KEYWORDS: Afrofeminist Literature, Post-colonialism, Intersectioned Oppressions.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	5
2. O CONTEXTO SOCIOCULTURAL NA LITERATURA	6
3. DEFINIÇÃO DO "EU" E DO "OUTRO" NO CENÁRIO PÓS-COLONIAL	9
4. METODOLOGIA.....	12
5. ANÁLISE DOS CONTOS SELECIONADOS.....	13
5.1. MARIA.....	13
5.2. QUANTOS FILHOS NATALINA TEVE?	15
5.3. NO SEU PESCOÇO.....	17
5.4. A EMBAIXADA AMERICANA.....	18
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	19
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	20

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho surgiu a partir da culminância de inúmeras indagações que me inquietaram ao longo da graduação. Questões estas, que estavam intimamente atreladas ao espaço social que eu, uma mulher negra, estudante, classe econômica baixa, ocupou na instituição federal de ensino superior. As indagações dizem respeito à pessoas negras que direta ou indiretamente não se faziam presentes naquele espaço acadêmico. Desde à autoras, teóricas negras publicadas que não eram abordadas e lidas em sala de aula até a ausência de profissionais ocupando outros espaços para além da limpeza e outros serviços “menos prestigiados” na universidade.

Dito isso, embora em um primeiro momento tenha sido escolhido para realizar o trabalho de conclusão de curso um escritor branco já canonizado, mas não menos importante eu não me sentia contemplada e nem motivada a prosseguir com essa escolha. Portanto, quando conheci as obras literárias escritas pelas autoras Conceição Evaristo e Chimamanda Ngozi Adichie além de me sentir representada pela escrita dessas mulheres vi uma oportunidade para trabalhar com elas em um ambiente no qual os saberes que circulam são majoritariamente aqueles produzidos por pessoas brancas.

Este trabalho tem como fio condutor a vivência de quatro personagens que não se enquadram nos padrões normativos da sociedade patriarcal e com isso são expostas às diversas formas de opressões que estão o tempo todo limitando e, por vezes, liquidando suas existências como será visto nos contos selecionados.

Veremos nos contos a emergência, no sentido socorro bem como em ascensão nas vozes que tentam manifestar sua subjetividade. As vozes das mulheres negras na sociedade e ainda são deslegitimadas, a partir de uma construção social predominante branca, patriarcal, eurocêntrica que subjuga todos que se distanciam desse padrão. Contudo, as mulheres negras estão tentando reivindicar seu lugar na sociedade e nesse percurso são oprimidas de maneiras penosas que violentam suas existências.

Face ao exposto, buscaremos empreender uma análise das formas de opressão que foram transcritas para o cenário literário afetando a vida das personagens protagonistas nos quatro contos contemporâneos escolhidos: "Maria" e "Quantos filhos Natalina teve?" em *Olhos d'água* (2016) de Conceição Evaristo; "No seu pescoço" e "A embaixada

americana" em *No seu pescoço* (2009) de Chimamanda Ngozi Adichie. Para auxiliar o desenvolvimento dessa análise serão utilizadas como principais referências os estudos sobre subalternidade e opressão de Grada Kilomba (2019), Ângela Davis (2016), Gayatri Chakravorty Spivak (2010) e Patricia Hill Collins (2000).

Em um primeiro momento será abordado nesse trabalho o modo como o contexto sociocultural influencia nas produções literárias, ou seja, a maneira que fatores do ambiente externo aos contos literários corroboram para estruturar a obra, tais como construções sociais, que serviram de base para o desenvolvimento da narração no cenário literário. Em um segundo momento desse trabalho, adentraremos na discussão acerca das relações sociais de poder que vigoraram e estabelecem a posição que as pessoas devem ocupar na sociedade, no caso da mulher negra foi imposta a ela a posição de subalternidade. E por fim, será visto nesse trabalho a análise dos contos selecionados, nos quais a partir de fragmentos extraídos teceremos nossos comentários e ponderações.

2. O CONTEXTO SOCIOCULTURAL NA LITERATURA

As violências permeiam o cotidiano de pessoas que desviam das normas hegemônicas resultando no apagamento desses sujeitos, herança do período colonial que se encontra arraigado nos dias atuais. A respeito disso, a crítica indiana Gayatri Chakravorty Spivak menciona que no cenário de produção colonial, o subalterno não possui história e nem mesmo lhe é permitida a fala (SPIVAK, 2010, p. 17) . No caso do sujeito feminino, esta situação encontra-se profundamente enraizada na obscuridade. A teórica nos explica que “O mais claro exemplo disponível de tal violência epistêmica é o projeto remotamente orquestrado, vasto e heterogêneo de se constituir o sujeito colonial como Outro” (SPIVAK, 2010, p. 47)¹ e complementa fazendo uso de Michel Foucault "todo um conjunto de conhecimentos que foram desqualificados como inadequados para sua tarefa ou insuficientemente elaborados, isto é, conhecimentos ingênuos, localizados na parte mais baixa da hierarquia, abaixo do nível requerido de cognição ou cientificidade" (FOUCAULT, s/d, p. 82 *apud* SPIVAK, 2010, p. 48)².

1. The clearest available example of such epistemic violence is the remotely orchestrated, far-flung, and heterogeneous project to constitute the colonial subject as Other. This project is also the asymmetrical obliteration of the trace of that Other in its precarious Subject-ivity. (SPIVAK, 1988, p. 280-281)

2. "a whole set of knowledges that have been disqualified as inadequate to their task or insufficiently elaborated: naive knowledges, located low down on the hierarchy, beneath the

Há uma urgência de reparação nas estruturas sociais que viabilizam as violências epistêmicas, pois, enquanto vigorar este regime que privilegia certas vidas em detrimento de outras, as pessoas cujas vidas não se enquadram nas normas padronizadas estarão em situação de "precariedade de vida" (BUTLER, 2016, p. 33). O conceito de "precariedade de vida" é entendido por Butler como

"Precariedade" designa essa condição politicamente induzida em que certas populações sofrem por conta de redes insuficientes de apoio social e econômico mais do que outras, e se tornam diferencialmente expostas à injúria, violência e morte. [...] Populações que são diferencialmente expostas têm riscos mais elevados de doença, pobreza, fome, despejo e vulnerabilidade a violências sem proteção ou reparação adequadas. A precariedade também caracteriza a condição politicamente induzida de vulnerabilidade e exposição maximizadas para as populações que estão expostas à violência estatal arbitrária, à violência de rua ou doméstica, e a outras formas [de violência] não reconhecidas pelo Estado para as quais os instrumentos jurídicos do Estado falham em prover proteção e reparação suficiente. (BUTLER, 2016, p. 33)

Logo, ao pensar em precariedade de vida podemos remeter diretamente às questões de gênero, raça e classe. Pensando com Djamila Ribeiro (2016), essas três categorias estão interligadas, considerando que por meio da classe podemos identificar a raça e vice versa. Nesse seguimento ela também afirma que por meio do gênero identificarmos a classe.

Mas quem são esses sujeitos subalternos? Spivak entende por subalterno "as camadas mais baixas da sociedade constituídas pelos modos específicos de exclusão dos mercados, da representação política e legal, e da possibilidade de se tornarem membros plenos no estrato social dominante" (SPIVAK, 2010, p. 11). Diante do pensamento de Lélia Gonzalez, explicitado pela escritora Djamila Ribeiro, podemos visualizar quem é que compõe a classe dominante na sociedade levando em conta que os conhecimentos validados são aqueles eurocentrados, colocando à margem os conhecimentos produzidos por aquelas pessoas que não seguem o modelo da "'ciência' da superioridade eurocristã (branca e patriarcal)" (RIBEIRO, 2017, p. 25). Segundo Gonzalez, prossegue Djamila Ribeiro, é decorrente dessa classificação que se constitui o racismo. A partir dessa teoria Ribeiro aponta os indícios "sobre quem pode falar ou não, quais vozes são legitimadas e quais não são" (RIBEIRO, 2017, p. 25), como será o caso das personagens, que são violentadas de várias formas e terminam sendo silenciadas, por serem mulheres, negras,

required level of cognition or scientificity". (SPIVAK, 1988, p. 281)

que se localizam numa camada social menos privilegiada.

Esses contos são marcados pela *escrevivência*, neologismo criado pela pesquisadora e escritora Conceição Evaristo. O termo tem sido trabalhado desde 1995 a partir das ideias de "escrever, viver, se ver" (EVARISTO, 2017, n.p). O conceito remete, portanto, à subjetividade que a escritora constrói e ao fato de que as vivências de mundo que ela carrega "contamina[m] a escrita" diariamente resultando na "escrita de um corpo, de uma condição, de uma experiência negra no Brasil" (EVARISTO, 2007, p. 20). Dito isso, a posição que as escritoras ocupam na sociedade vai influenciar diretamente as suas produções literárias.

De acordo com o crítico literário Antonio Candido, em seu livro *Literatura e Sociedade* (2010),

só podemos fundir texto e contexto numa interpretação dialeticamente íntegra, em que tanto o velho ponto de vista que explicava pelos fatores externos, quanto o outro, norteado pela convicção de que a estrutura é virtualmente independente, se combinam como momentos necessários do processo interpretativo. Sabemos, ainda, que o externo (no caso, o social) importa, não como causa, nem como significado, mas como elemento que desempenha um certo papel na constituição da estrutura, tornando-se, portanto, interno. (CANDIDO, 2010, p. 13)

No viés do velho ponto de vista, entendia-se que a qualidade da obra estava na capacidade dela de retratar o seu contexto social. Num segundo momento, acreditava-se que para compreender a obra não devia pautar a análise da mesma com base nas estruturas sociais, pois, ao contrário do velho ponto de vista, esse novo ponto passou a entender que a obra não possui nenhum vínculo com o meio sociocultural (CANDIDO, 2010, p. 40).

Não podemos dissociar texto e contexto para que a leitura de um texto literário se efetue em sua plenitude "com efeito, todos sabemos que a literatura, como fenômeno de civilização, depende, para se constituir e caracterizar, do entrelaçamento de vários fatores sociais" (CANDIDO, 2010, p. 20). Dessa forma, o contexto social que a autora está inserido e as vivências de mundo que ela possui influencia na sua escrita, como comprovado pela fala da escritora Conceição Evaristo

Em síntese, quando escrevo, quando invento, quando crio a minha ficção, não me desvinculo de um "corpo-mulher-negra em vivência" e que por ser esse "o meu corpo, e não outro", vivi e vivo experiências que um corpo não negro, não mulher, jamais experimenta. (EVARISTO, 2009, p. 18)

Por pertencer a essa esfera de Outra/o³ as obras realizadas pelas pessoas de países colonizados, assim como os contos especificamente escolhidos produzidos por mulheres negras podem ser categorizadas como uma “literatura menor” conforme pontuado por Gilles Deleuze e Félix Guattari (2017) no livro intitulado *Kafka: por uma literatura menor*

As três características da literatura menor são a desterritorialização da língua, a ligação do individual no imediato-político, o agenciamento coletivo de enunciação. É o mesmo que dizer que "menor" não qualifica mais certas literaturas, mas as condições revolucionárias de toda literatura no seio daquela que se chama grande (ou estabelecida). Mesmo aquele que tem a infelicidade de nascer no país de uma grande literatura deve escrever em sua língua [...] E, para isso, achar seu próprio ponto de subdesenvolvimento, seu próprio dialeto, seu próprio terceiro mundo, seu próprio deserto. Houve muitas discussões sobre: o que é a literatura marginal? – e também: o que é uma literatura popular, proletária, etc.? Os critérios são evidentemente muito difíceis, enquanto não se passe por um conceito mais objetivo, o de literatura menor. É somente a possibilidade de instaurar de dentro um exercício menor de uma língua mesmo maior que permite definir literatura popular, literatura marginal, etc. É somente a esse preço que a literatura se torna realmente máquina coletiva de expressão, e se faz apta a tratar, a carrear os conteúdos. (DELEUZE; GUATTARI, 2014 p. 19)

Conceição Evaristo exemplifica bem o que Deleuze e Guattari querem dizer ao abordar as três características que configuram uma "literatura menor". Evaristo traz para suas produções literárias as personagens afrodescendentes de maneira a quebrar os estereótipos e preconceitos que giram em torno das pessoas negras.

A feminista Negra e crítica literária Barbara Christian (1985) defende que “Ser capaz de usar toda a extensão da própria voz para expressar a totalidade do ser é uma luta recorrente na tradição das [mulheres Negras] escritoras” (CHRISTIAN, 1985, p. 172, *apud* COLLINS, 2000, p. 99)⁴.

3. DEFINIÇÃO DO "EU" E DO "OUTRO" NO CENÁRIO PÓS-COLONIAL

Lidaremos aqui com a definição de "Outras/os" utilizada por Grada Kilomba

3. O conceito de Outra/o será definido na seção 3.

4. To be able to use the range of one's voice, to attempt to express the totality of self, is a recurring struggle in the tradition of [Black women] writers. (CHRISTIAN, 1985, p. 172, *apud* COLLINS, 2000, p. 99)

(2019). A autora toma o termo "Outras/os" a partir do conceito cunhado pela filósofa francesa Simone de Beauvoir em *O Segundo Sexo* (2009) que designa a mulher como sendo o Outro em relação ao homem. Para Kilomba a Mulher Negra seria o Outro do Outro, por ser mulher e por ser negra.

Entende-se "eu" em referência à pessoa branca, aquela que vai ditar os ideais da civilização. Esse discurso colonialista que projeta a/o Outra/o tende a distanciá-la/o ainda mais do "eu", visto que para a dominação e supremacia do "eu" a pessoa se impõe como boa e representando o bem, face à/ao Outra/o que nessa medida se encontra na posição de ruim e representando o mal.

Esses discursos, de acordo com Michel Foucault, estão no campo da disciplinarização dos saberes e da normatização dos corpos, ou seja, a disciplina encontra-se nas relações entre o saber e o poder. A disciplina como técnica de exercício de poder remonta a tempos arcaicos, de forma fragmentada até o século XVIII e, em seguida, começa a ser elaborada com o aperfeiçoamento do poder disciplinar, tornando-se “uma nova técnica de gestão do homem” (FOUCAULT, 2016, p. 451). Nesse sentido, a escravidão e as companhias escravagistas existentes em diferentes colônias era, de acordo com o filósofo francês, “modelos de mecanismos disciplinares” (FOUCAULT, 2016, p. 451). Foucault explica o conceito de disciplina em relação ao poder do seguinte modo:

A disciplina é antes de tudo uma análise do espaço. É a individualização pelo espaço, a instauração dos corpos em um espaço individualizado, permitindo a classificação e as combinações. [...] A disciplina é o conjunto de técnicas em virtude das quais o sistema de poder tem por objetivo e resultado a singularização dos indivíduos.. É o poder de individualização, cujo instrumento fundamental reside no exame. O exame é a vigilância permanente, classificadora, que permite repartir os indivíduos, julgá-los e avaliá-los, localizá-los e, assim, utilizá-los ao máximo. Por meio do exame, a individualidade se torna um elemento para o exercício do poder. (FOUCAULT, 2016, p. 452-453).

Em relação aos saberes, ela aparece como um princípio de controle de produção discursiva que fixa “os limites pelo jogo de uma identidade que tem a forma de uma reatualização permanente das regras” que permitem ou não, por meio de uma “polícia” discursiva, a validade do discurso. (FOUCAULT, 1996, p. 35-36). Dentre os procedimentos que operam esse controle, há aquele que visa determinar "as condições de seu funcionamento, de impor aos indivíduos que os pronunciam certo número de

regras e assim não permitir que todo mundo tenha acesso a eles”. Para adentar na ordem do discurso é necessário, segundo Foucault, satisfazer determinadas exigências ou, então, ser qualificado para fazê-lo. (FOUCAULT, 1996, p. 35-37). Sobre esse dispositivo disciplinar, Spivak expõe "a tendência do sujeito europeu de constituir o Outro como sendo marginal ao etnocentrismo" (SPIVAK, 2010, p. 107). Isto é, ela afirma que há de fato uma dificuldade para os colonizados serem reconhecidos em sua subjetividade, sendo relegadas à posição de Outro.

Diante do exposto, podemos destacar as contribuições da socióloga Patrícia Hill Collins autora do livro *Black Feminist Thought: Knowledge, Consciousness and the Politics of Empowerment*, no qual ela discorre sobre a importância da autodefinição da Mulher Negra. Segundo a autora, recapitulando a posição da pessoa Negra, a Mulher Negra foi colocada na margem do "eu", tendo assim, sua subjetividade negada e passando a ser vista como a Outra, remetendo tudo que há de negativo na sociedade. Ela nos diz que "a questão mais abrangente de encontrar uma voz para expressar um ponto de vista coletivo e autodefinido das mulheres Negras permanece o tema principal no pensamento feminista Negro" (COLLINS, 2013, p. 4)⁵.

Nesse tocante, Angela Davis inicia seu livro *Mulheres, raça e classe*, afirmando que Ulrich B. Phillips, um influente acadêmico que em 1918, "declarou que a escravidão no Velho Sul⁶ imprimiu o glorioso selo da civilização nos africanos selvagens e em seus descendentes nascidos nos Estados Unidos" (DAVIS, 2016, p. 15). Davis aponta que ainda nesse período "a situação específica das *mulheres* escravas permanecia incompreendida. As discussões incessantes sobre sua 'promiscuidade sexual' ou seus pendores 'matriarcais' obscureciam, mais do que iluminavam, a situação das mulheres negras durante a escravidão" (DAVIS, 2016, p. 15). Indo ao encontro da explanação feita por Davis, Collins citando Gwaltney assinala que

As vidas das mulheres Negras são uma série de negociações que almejam à reconciliação das contradições que separam nossas próprias imagens do *self*, definidas internamente, como mulheres afro-americanas, de nossa objetificação como o Outro. A luta de viver duas vidas, uma para "eles e outra para nós mesmas". (GWALTNEY, 1980, p. 240 *apud* COLLINS, 2013, p. 4-5)⁷

5. the overarching theme of finding a voice to express a collective, self-defined Black women's standpoint remains a core theme in Black feminist thought. (COLLINS, 2000, p. 99)

6. No original, "Old South", expressão usada para designar o Sul escravagista antes da Guerra Civil dos Estados Unidos (1861-1865), também chamada Guerra de Secessão. (DAVIS, 2016, p. 15, N. T.)

7. Black women's lives are a series of negotiations that aim to reconcile the contradictions

Embora seja desafiador e exaustivo para a mulher negra em pleno século XXI, ter que se autodefinir é uma necessidade para que sua identidade seja respeitada e sua voz ouvida nessa sociedade historicamente machista, sexista, elitista e racista que de várias maneiras subjuga mulheres negras. Em relação à posição de subalternidade Collins expressa:

Diferentemente das imagens controladoras desenvolvidas para mulheres Brancas de classe média, as imagens controladoras aplicadas às mulheres Negras são tão uniformemente negativas que praticamente forçam à resistência. Para as mulheres Negras dos Estados Unidos, o conhecimento construído do *self* emerge da luta para substituir imagens controladoras por conhecimento autodefinido considerado pessoalmente importante, geralmente um conhecimento essencial à sobrevivência das mulheres Negras. (COLLINS, 2013, p. 6)⁸

Vemos que o cerne dessa problemática consiste nos discursos que estão instaurados na sociedade, validados pelas pessoas brancas. Esses discursos corroboram para a supressão de outras manifestações e possibilidades de vidas, quaisquer que tentem se impor e se autodefinir, assumir sua posição de *self*. Judith Butler, em *Frames of War: When is Life is Grievable*, cita “Hegel e Klein apontam, cada um à sua maneira, que a apreensão da precariedade conduza a uma potencialização da violência, uma percepção da vulnerabilidade física de certo grupo de pessoas que incita o desejo de destruí-las” (BUTLER, 2009, p. 02)⁹.

4. METODOLOGIA

Serão utilizados para compor o *corpus* dessa análise dois contos publicados no livro *Olhos d'água* (2016) da escritora afrobrasileira Conceição Evaristo, natural da cidade de Belo Horizonte, em Minas Gerais (MG). Além da publicação de contos, a autora é conhecida no meio literário pela produção de romances e poesias. Evaristo é doutora em Literatura Comparada pela Universidade Federal Fluminense (RJ). A autora

separating our own internally defined images of self as African-American women with our objectification as the Other. The struggle of living two lives, one for "them and one for ourselves". (GWALTNEY, 1980, 240 *apud* COLLINS, 2000, p. 116-7)

8. Unlike the controlling images developed for middle-class White women, the controlling images applied to Black women are so uniformly negative that they almost necessitate resistance. For U.S. Black women, constructed knowledge of self emerges from the struggle to replace controlling images with self-defined knowledge deemed personally important, usually knowledge essential to Black women's survival. (COLLINS, 2000, p. 100)

9. as both Hegel and Klein point out in their different ways, that the apprehension of precariousness leads to a heightening of violence, an insight into the physical vulnerability of some set of others that incites the desire to destroy them (BUTLER, 2009, p. 02).

possui dentre outras premiações o Prêmio Jabuti 2015 e cabe destacar que esse ano a escritora mineira será homenageada como personalidade do ano (2019) pela Câmara Brasileira do Livro (CBL). *Olhos d'água* é o segundo livro de contos lançado pela escritora mineira. Esse livro teve sua primeira edição publicada em 2014. É constituído por quinze contos e todas as protagonistas são negras e majoritariamente mulheres. Os contos são permeados por questões de ordem social, étnicas, gênero e sexualidade.

Chimamanda Ngozi Adichie é uma escritora nigeriana. Publicou diversos livros sendo *No seu pescoço* (2009) o primeiro de contos, no qual se encontram os contos "No seu pescoço" e "A embaixada americana" que são objetos de nossa análise. Ambos contos são protagonizados por mulheres nigerianas. O livro *No seu pescoço* (*The Thing Around Your Neck*) teve sua primeira edição lançada em 2009. É composto por doze contos abordando questões referente a imigração, desigualdade social, raça e religião.

5. ANÁLISE DOS CONTOS SELECIONADOS

Serão analisados respectivamente os contos "Maria", "Quantos filhos Natalina teve?", "No seu pescoço" e "A embaixada Americana", nos quais serão feitos recortes dos trechos que são marcados por violências deferidas contras as mulheres negras nos contos. A partir dos excertos, comentaremos sobre as causas e semelhanças que eles desmonstram com o contexto social externo às obras.

5. 1. MARIA

"Maria" é o quarto conto que compõe a obra *Olhos d'água* (2016). Não por acaso Maria é também o nome da protagonista desse conto. Essa personagem sofreu com o que Angela Davis chama de "grilhão triplo de opressão" (DAVIS, 2016, p. 169). Por ser mulher, por ser negra e por ser trabalhadora essa situação é intensificada, em comparação com as mulheres brancas, já que as mesmas barreiras impostas às mulheres negras não restringem as mulheres brancas por causa da cor e nem por causa do espaço social que elas ocupam. Logo, Maria está em uma posição marginalizada na sociedade o que conseqüentemente culmina nas violências sofridas por ela.

Dentro do transporte público, na volta para casa depois de um dia cansativo de trabalho na casa da patroa, Maria é acusada de estar de "coleio" com os homens que assaltaram o ônibus em que estava, simplesmente por conhecer um deles, que é pai de um de seus filhos. Embora ela não estivesse envolvida no assalto outros passageiros

incitaram "*Lincha! Lincha! Lincha!*... Uns passageiros desceram e outros voaram em direção à Maria" (EVARISTO, 2016, p. 41). Podemos fazer um paralelo dessa atitude que os passageiros do ônibus tiveram com a lei de linchamento "Lei que permitia a punição, sem a realização de julgamento, de suspeitos de participação em atos criminosos. Tal punição incluía a pena de morte" (DAVIS, 2016, p. 119), em outras palavras, a Lei do Linchamento é um crime de ódio direcionado especialmente às pessoas negras.

É importante destacar que em momento algum, mesmo diante das ofensas e acusações, Maria teve a oportunidade de se defender

Alguém gritou que aquela puta safada lá da frente conhecia os assaltantes. Maria se assustou. [...] Ouviu uma voz: Negra safada, vai ver que estava de coleio com os dois. Outra voz vinda lá do fundo do ônibus acrescentou: Calma, gente! Se ela estivesse junto com eles, teria descido também. Alguém argumentou que ela não tinha descido só para disfarçar. Estava mesmo com os ladrões. Foi a única a não ser assaltada. (EVARISTO, 2016, p. 41)

Nesse trecho, podemos observar que, apesar dos muitos insultos, uma pessoa tentou falar por Maria. Outra intervenção favorável a Maria veio do motorista do ônibus "— Calma pessoal! Que loucura é esta? Eu conheço esta mulher de vista. Todos os dias, mais ou menos neste horário, ela toma o ônibus comigo. Está vindo do trabalho, da luta para sustentar os filhos" (EVARISTO, 2016, p. 42). Ou seja, nos dois casos, Maria não teve espaço para se manifestar e a sua defesa ocorreu por meio de outras vozes. Ela sofreu, mais uma vez, as consequências da violência contra a mulher negra e pobre.

Face ao exposto, somos levados a refletir sobre o crescente número de casos de feminicídio que têm sido registrados.

A edição do Atlas da Violência deste ano mostra que a taxa de homicídio de mulheres cresceu acima da média nacional em 2017. O estudo feito pelo Instituto de Pesquisa Econômica e Aplicada (Ipea) e pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública revela que, enquanto a taxa geral de homicídios no país aumentou 4,2% na comparação 2017-2016 a taxa que conta apenas as mortes de mulheres cresceu 5,4%. [...] O Ipea mostra ainda que a taxa de homicídios de mulheres negras é maior e cresce mais que a das mulheres não negras. Entre 2007 e 2017, a taxa para as negras cresceu 29,9%, enquanto a das não negras aumentou 1,6%. Com essa variação, a taxa de homicídios de mulheres negras chegou a 5,6 para cada 100 mil, enquanto a de mulheres não negras terminou 2017 em 3,2 por 100 mil. (LISBOA, 2019, n.p)

O menino jovem que estava no mesmo ônibus que Maria que também não foi assaltado, não foi morto pelos outros passageiros, diferente de Maria que não teve

direito a voz e a vida, tal como as muitas "Marias" e "Marielles" que são "silenciadas" em nossa sociedade.

5. 2. QUANTOS FILHOS NATALINA TEVE?

Em “Quantos filhos Natalina teve?”, o quinto conto inserido no livro *Olhos d’água* (2016), percebemos que a personagem principal, Natalina, também é marcada por violências múltiplas, tais como: violência sexual, violência psicológica e violência física que atingem a protagonista da história vítima do machismo e do racismo.

A primeira opressão percebida nesse conto se deu quando Natalina ainda era uma menina, "Ia fazer catorze anos" e teve que fazer um aborto clandestino: "A velha parteira [Sá Praxedes] cobraria um pouco, mas ficariam livres de tudo" (EVARISTO, 2016, p. 44). Essa decisão da mãe de Natalina mostra a primeira forma de silenciamento pelo qual a protagonista passa. É possível observar que em momento algum foi levado em consideração qual era o desejo de Natalina diante da situação: "Natalina segurou o temor em silêncio. Sá Praxedes, não! Ela morria de medo da velha" (EVARISTO, 2016, p. 44). Embora ela manifeste em seu pensamento uma decisão acerca de seu próprio corpo, a decisão foi tomada por sua mãe sem que pudesse contestar. Essa postura da mãe resultou na fuga de Natalina:

No outro dia, quando a mãe saiu cedo para a cozinha da madame, ela saiu logo atrás para lugar algum. Não sabia para onde ia. Ao descer o morro,[...] Passou rápido, pisando levemente com medo de ser vista. Tinha de fugir de Sá Praxedes. Ganhou a avenida, ganhou outras ruas. Escondeu-se o mais longe possível de casa. Ganhou outros amigos também. Um dia, junto com outra menina-mulher que também esperava um filho, tomou um trem para mais longe ainda. E respirou aliviada. Sá Praxedes não a pegaria nunca. (EVARISTO, 2016, p. 45)

A seguinte passagem traz registros da angústia a que Natalina foi submetida: "Na terceira, vomitou até na hora do parto. Foi a pior gravidez para Natalina. Pior até do que a primeira" (EVARISTO, 2016, p. 43). Fazendo um adendo a respeito dessa gravidez: "a terceira gravidez, ela também não queria. Quem quis foi o casal para quem Natalina trabalhava [...] Era só a empregada fazer um filho para o patrão" (EVARISTO, 2016, p. 46-7). Devemos considerar que Natalina já estava em posição de servidão, pois, necessitava do emprego para sobreviver. Caso ela se negasse a fazer o que lhe foi solicitado pela patroa, ela seria facilmente substituída por outra mulher que estivesse disposta e tão necessitada quanto Natalina.

Evento semelhante é registrado por Davis (2016) em *Mulheres, raça e classe*, no momento em que os líderes sulistas da Associação Nacional das Mulheres de Cor, em 1919, "registraram suas reclamações, as condições do serviço doméstico estavam em primeiro lugar da lista. Elas tinham bons motivos para protestar contra o que educadamente denominaram 'exposição a tentações morais' no trabalho" (DAVIS, 2016, p. 100). Herbert Aptheker explicita que

Acredito que quase todos os homens brancos tomavam ou esperavam tomar liberdades indevidas com suas serviçais de cor – não só os pais, mas, em muitos casos, também os filhos. As empregadas que se rebelassem contra essas intimidades ou teriam de ir embora ou, caso ficassem, poderiam esperar muitas dificuldades. (APTHEKER, 1969, p. 49 *apud* DAVIS, 2016, p. 100)

O terceiro momento em que Natalina foi silenciada foi desencadeado por outra série de violência tão dura quanto as outras que precederam essa passagem

um trajeto que não pôde ver, pois tinha os olhos vendados pelos homens que chegaram de repente no seu barraco e a dominaram com força, perguntando-lhe pelo seu irmão. Ela não sabia o que responder. Não tinha irmão algum [...] os homens insistiam. Berravam dizendo que era pior e que não adiantava nada ela não dizer a verdade. (EVARISTO, 2016, p. 49)

Mesmo dizendo que não tinha irmão, sua resposta foi completamente ignorada pelos homens que invadiram sua casa. Essa ação dos invasores reafirma a ideia de superioridade do homem em relação à mulher, basta ver que além de invadirem a sua casa, não se detiveram e abusaram de Natalina, sequestram-na e a violaram.

De vez em quando, o que estava sentado no banco de trás com ela, fazia-lhe um carinho nas pernas. Ela arrepiava de pavor. As mãos estavam amarradas e doíam. Em um dado momento, o carro parou e o que estava ao seu lado desceu. Despediu-se dela passando novamente a mão em suas pernas. Bateu nas costas do que estava no volante e desejou-lhe bom proveito. O outro continuou calado. O carro seguiu em frente. Ela calculou que deveriam ser uma três horas da madrugada, eles haviam chegado em seu barraco por volta da meia-noite. Estava fazendo muito frio. Natalina percebeu então que a marcha do carro diminuía e que estavam saindo da estrada e entrando no mato. Escutava o estalar de ramos secos. O homem desceu do carro puxou a violentamente jogou-a no chão; depois desamarrou suas mãos e ordenou que lhe fizesse carinho. Natalina, entre o ódio e o pavor, obedecia a tudo. Na hora, quase na hora do gozo, o homem arrancou a venda dos olhos dela. Ela tremia, seu corpo, sua cabeça estavam como se fossem arrebentar de dor. A noite escura não permitia que divisasse o rosto do homem. Ele gozou feito cavalo enfurecido em cima dela. Depois tombou sonolento ao lado. (EVARISTO, 2016, p. 49-50)

Esse crime cruel ao qual Natalina foi submetida, contabiliza mais uma das violências às quais ela foi exposta, nesse caso, a violência sexual. Não podemos deixar de reconhecer que essas agressões que a protagonista sofreu estão ligadas à crença de que a mulher é inferior ao homem. Agravando a situação, a mulher negra carrega o estigma da erotização, na qual é destituída de humanidade, sendo reduzida à mero objeto sexual.

5.3. NO SEU PESCOÇO

O conto "No seu pescoço" é escrito em segunda pessoa e narra a história de uma jovem chamada Akunna que deixa Lagos, sua cidade natal na Nigéria para seguir a vida em solo americano. Nos Estados Unidos a protagonista inicialmente vai morar com seu tio, mas depois de assediada por ele, se vê obrigada a deixar a casa dele. À primeira vista, o tio da protagonista se mostrou generoso "Seu tio que morava nos Estados Unidos [...] disse que você podia ir morar com ele até se ajeitar" (ADICHIE, 2017, p. 60). Diante dessa situação, o tio da personagem se vê no direito de aproveitar de Akunna

Você ria com seu tio e se sentia à vontade na casa dele; a esposa dele a chamava de *nwanne*, irmã, e seus dois filhos em idade escolar a chamavam de "títia". Eles falavam igbo e comiam garri de almoço, e era como estar em casa. **Até que seu tio entrou no porão apertado onde você dormia ao lado de caixas e embalagens velhas e puxou-a com força para perto dele, apertando sua bunda, soltando gemidos.** Ele não era seu tio de verdade; na verdade, ele era irmão do marido da irmã de seu pai, não parente de sangue. Depois que você o empurrou para longe, ele se sentou na sua cama — a casa era dele, afinal de contas —, sorriu e disse que você não era mais criança, já tinha vinte e dois anos. Se você deixasse, ele faria muitas coisas por você. As mulheres espertas faziam isso o tempo todo. Como você achava que aquelas mulheres com bons salários em Lagos conseguiam aqueles empregos? E até as mulheres em Nova York? (ADICHIE, 2017, p. 60) (grifo nosso)

A protagonista consegue se esquivar do ataque do seu "tio", mas essa atitude dele nos diz muito sobre o quanto tem sido naturalizada a ideia de que a mulher deve ser submissa às vontades do homem. Deixa explícita mais uma vez a face de nossa sociedade falocêntrica.

Você se trancou no banheiro até que ele voltasse para cima e, na manhã seguinte, você foi embora, caminhando pela longa estrada tortuosa, sentindo o cheiro dos peixes no lago. Viu quando ele passou de carro — ele sempre deixava você no trabalho — e não buzinou. Perguntou-se o que diria para a mulher para explicar sua partida. E lembrou do que ele dissera sobre o fato de que, nos Estados Unidos, é dando que se recebe. (ADICHIE, 2017, p. 60- 61)

5. 4. A EMBAIXADA AMERICANA

No conto "A embaixada americana", a protagonista sofre diversos tipos de agressões. Nesse conto a protagonista não é nomeada, mas o nome de seu filho é ecoado ao longo dessa história. A vida de Ugonna, filho da protagonista foi roubada de forma abrupta “como se ela evocasse intencionalmente aquelas imagens do corpo pequeno e gorducho de seu filho Ugonna desabando diante dela” (ADICHIE, 2017, p. 67).

O ponto culminante desse conto acontece quando a protagonista tem sua casa invadida, por três homens.

há quatro noites, haviam arrombado sua porta dos fundos e invadido sua casa. Onde está seu marido? Onde está ele? Perguntaram, escancarando os guarda-roupas dos dois quartos, inclusive as gavetas. Ela poderia ter dito que seu marido tinha mais de um metro e oitenta de altura, que jamais caberia numa gaveta. Três homens de calças pretas. Cheiravam a álcool e sopa de pimenta e, muito mais tarde, quando ela segurava o corpo inerte de Ugonna, soube que jamais tomaria sopa de pimenta de novo. (ADICHIE, 2017, p. 68)

Em relação à invasão do espaço privado, comportamento em comum ocorrido no conto anteriormente analisado *Quantos filhos Natalina teve?* possível perceber pela conduta dos homens que invadiram as casas das protagonistas que o fato de ser uma residência privada não foi motivo suficiente para os invasores respeitarem o limite de espaço, a professora doutora Catarina Isabel Martins (2016) argumenta "O poder masculino gerado no espaço público estende-se ao espaço privado, no qual se prolongam as relações de dominação e a definição de um sujeito masculino que 'pode' e de um objecto feminino que sofre o poder do masculino" (MARTINS, 2016, p. 182). Ou seja, nem em seu ambiente particular as protagonistas estiveram em segurança. A mãe de Ugonna vivenciou momentos aterrorizantes enquanto estava na sua casa com seu filho,

Para onde seu marido foi? Para onde? Eles apertaram uma arma contra sua cabeça e ela disse: “Eu não sei, ele foi embora ontem”, ela disse sem se mover, embora a urina morna lhe escorresse pelas pernas.

Um deles, aquele com a camisa preta de capuz, o que exalava o cheiro mais forte de álcool, tinha olhos absurdamente injetados, tão vermelhos que pareciam doloridos. Foi ele quem mais gritou, quem chutou a televisão [...] Ele sentou no sofá, no lugar que seu marido sempre ocupava para assistir ao noticiário na NTA, e puxou-a, obrigando-a a se sentar desajeitadamente em seu colo. Sua arma lhe cutucou a cintura. Mulher gostosa, por que se casou com um encrenqueiro? Ela sentiu sua rigidez repugnante, o cheiro de fermentação em seu hálito [...]

Ela se soltou com dificuldade e levantou do sofá, e o homem de

camisa com capuz, ainda sentado, deu-lhe um tapa no traseiro. Foi então que Ugonna começou a chorar, correndo até ela. O homem de camisa com capuz estava rindo, dizendo como o corpo dela era macio, brandindo a arma. Ugonna começou a gritar; ele nunca gritava quando chorava, não era esse tipo de criança. Então a arma disparou e o dandê surgiu no peito de Ugonna. (ADICHIE, 2017, p. 68-9)

Esse trecho ilustra a questão da mulher subalterna não ter voz conforme já elucidado por Spivak. Observamos que além de ter sua casa invadida pelos três homens, a mãe de Ugonna é confrontada e calada pelos invasores que procuravam pelo seu marido. Quando a protagonista disse que seu marido não estava em casa, é como se ela não tivesse dito nada, pois os três homens ao invés de darem atenção e ouvirem o que ela tinha respondido, optaram por revidar com mais agressões físicas. A postura dos agressores é mais um traço do patriarcado que reforça a ideia de que a mulher é um objeto a serviço dos interesses masculinos.

A partir do momento que os três invasores não encontraram o marido da protagonista e perceberam que a mulher não teria serventia para eles, a reação deles foi rebaixar a mulher, além de ferir a dignidade dela, tiraram a vida do filho dela.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

De maneira geral, podemos notar que, mesmo se tratando de uma literatura contemporânea, os assuntos abordados são problemas que ultrapassam o período passado e ainda estão intrínsecos na sociedade atual. Vemos que essas condutas patriarcais, sexistas e racistas que oprimem a mulher e atingem a mulher negra em maior grau são reforçados por meio do silenciamento dessas vozes consideradas subalternas. Grada Kilomba (2019), Ângela Davis (2016), Gayatri Chakravorty Spivak (2010) e Patricia Hill Collins (2000) nos ajudaram a refletir e a teorizar sobre estas questões ao longo da análise.

Observamos que as práticas de silenciamento ocorrem por meio de agressões física, moral, com o intuito diminuir ou até mesmo apagar a existência dessas pessoas que não correspondem às normas hegemônicas, como apresentados nos contos afrobrasileiros “Maria” e “Quantos filhos Natalina teve?” de Conceição Evaristo e nos contos nigerianos “No seu pescoço” e “A embaixada americana” de Chimamanda Ngozi Adichie.

Decorrente dos estudos empreendidos neste trabalho, é possível notar que os

saberes comumente disseminados em nossa sociedade são aquelas produzidas por pessoas brancas. No entanto, é importante lembrar que o Brasil é um país multifacetado e desse modo grande parcela da população acaba não se vendo representado nas produções intelectuais e literárias. Mas podemos vislumbrar, em menor proporção que há trabalhos significativos desenvolvidos por mulheres negras que podem e devem fazer parte das instituições de ensino, tanto básico quanto superior, para que as pessoas que não correspondem ao padrão dominante na sociedade possam, assim como eu, se identificarem e sentirem representadas.

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. "A embaixada americana". In.: ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **No seu pescoço**. Julia Romeu (Trad.). São Paulo: Companhia das Letras, (2009).

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. "No seu pescoço". In.: ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **No seu pescoço**. Julia Romeu (Trad.). São Paulo: Companhia das Letras, (2009).

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**. 2. ed. Rio de Janeiro, RJ: Nova Fronteira, 2009.

BUTLER, Judith. "Corpos que ainda importam". In.: COLLING, Leandro (org.) **Dissidências sexuais e de gênero**. Salvador: EDUFBA, 2016. p. 19-42.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária**. 11. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2010.

COLLINS, Patricia Hill. **Black feminist thought: knowledge, consciousness and the politics of empowerment**. 2nd ed. New York; London: Routledge, 2000.

COLLINS, Patricia Hill. "**Pensamento feminista negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento**". Trad. Natália Luchini. Seminário "Teoria Feminista", Cebrap, 2013.

DAVIS, Angela Y. **Mulheres, raça e classe**. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2016.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Kafka: para uma literatura menor**. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

EVARISTO, Conceição. "Da grafia-desenho de minha mãe um dos lugares de nascimento de minha escrita". In: ALEXANDRE, Marcos Antônio (org.) **Representações performáticas brasileiras: teorias, práticas e suas interfaces**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2007, p 16- 21.

EVARISTO, Conceição. "Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade".

Scripta, Belo Horizonte, v. 13, n. 25, p. 17-31, 2º sem. 2009. Disponível em: <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/scripta/article/view/4365/4510>> Acesso em: 20 set. 2019.

EVARISTO, Conceição. "Maria". In: EVARISTO, Conceição. **Olhos d'água**. 1ed. Rio de Janeiro: Pallas: Fundação biblioteca Nacional. 2016, p. 39-42.

EVARISTO, Conceição. "Quantos filhos Natalina teve?". In: EVARISTO, Conceição. **Olhos d'água**. 1ed. Rio de Janeiro: Pallas: Fundação biblioteca Nacional. 2016, p. 43-50.

FOUCAULT, Michel. "A incorporação do hospital na tecnologia moderna". In.: MOTTA, Manuel Barros da (org). **Ditos e escritos, volume VII: Arte, epistemologia, filosofia e história da medicina**. 1ª ed. 2ª imp. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2016, p. 444-458.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso: Aula inaugural no Collège de France pronunciada em 2 de dezembro de 1970**. Trad. Laura Fraga de Almeida Sampaio. 5ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano**. Tradução: Jess Oliveira. 1ed. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

LIMA, Juliana Domingos de. "Conceição Evaristo: minha escrita é contaminada pela condição de mulher negra". In: **Nexo**. Mai 2017. Disponível em: <<https://www.nexojornal.com.br/entrevista/2017/05/26/Conceição-Evaristo-‘minha-escrita-é-contaminada-pela-condição-de-mulher-negra’>> Acesso em: 10 out. 2019.

LISBOA, Vinicius. "Ipea: homicídios de mulheres cresceram acima da média nacional". In.: **Agência Brasil**. Jun 2019. Disponível em: <<http://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2019-06/ipea-homicidios-de-mulheres-cresceram-acima-da-media-nacional>> Acesso em: 01 dez. 2019.

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte: Letramento, 2017.

MARTINS, Catarina I. C. "Mulheres poderosas: gênero, raça, sexualidade, nação e outras categorias nômadas na literatura contemporânea de mulheres africanas". In.: COLLING, Leandro (org.) **Dissidências sexuais e de gênero**. Salvador: EDUFBA, 2016. p. 177-191.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?** 2. ed. Trad. Sandra Regina Goulart Almeida; Marcos Pereira Feitosa; André Pereira. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2010.

SPIVAK, Gayatri C. **Can the subaltern speak?** In: NELSON, Cary; GROSSBERG, Lawrence (eds.). *Marxism and the interpretation of culture*. Chicago: Chicago Press, 1988. p. 271-313.